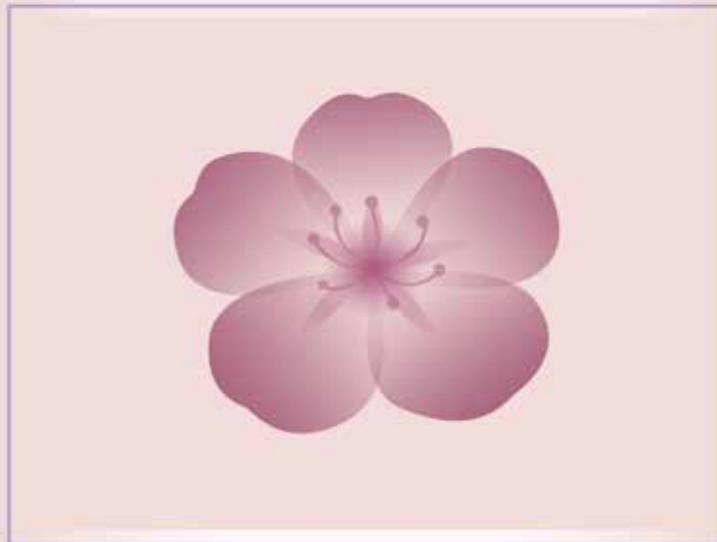


LATA ABSOLUTA



PAULO VIEIRA



LATA ABSOLUTA

Paulo Vieira¹

- Z – Saco!
X – Que foi?
Z – O que é que a gente faz?
X – Não sei. Faz o quê?
Z – Não sei.
X – Então não faz.
Z – Mas eu não agüento.
X – O quê?
Z – Não fazer nada.
X – Então faz alguma coisa.
Z – O quê?
X – Não sei, pombas.
Z – Pôxa, você também não ajuda.
X – Ajudar em quê?
Z – Você é louca, é?
X – Se esse papo continuar assim, acabo ficando,
 não é?
Z – Eu estou ficando.
X – Com quem?
Z – Com quem o quê?
X – Ficando?
Z – Não tô ficando.
X – Você acabou de dizer que tá ficando!
Z – Não tô ficando com ninguém.
X – Eu não entendo você. Uma hora diz que está
 ficando; outra, diz que não.
Z – Mas eu estou ficando, sim.
X – Está vendo?
Z – Louca.
X – Fumou?
Z – Não.
- X – Então, como é que é?
Z – Louca. Você nunca fica louca?
X – Quando fumo, fico.
Z – Não é isso.
X – Então, é o quê?
Z – É o caminho.
X – Que caminho?
Z – O que fazer agora, já pensou?
X – Não. Você pensou?
Z – Não.
X – Então?
Z – Pensei.
X – Pensou ou não pensou?
Z – Pensei.
X – O quê?
Z – Em qual é o caminho.
X – E qual é?
Z – Não sei. Você sabe?
X – Não faço idéia.
Z – Nem eu.
X – E o que a gente faz?
Z – Fazer o quê? Nada, não é? Espera.
X – O quê?
Z – Uma luz.
X – E se não vier luz nenhuma?
Z – Aí é o fim.
X – Do caminho?
Z – De tudo.
X – Você acha que é tão fácil assim, o fim de tudo?
Z – Nada é fácil, minha irmã.
X – Principalmente o fim.

¹ Professor da Universidade Federal da Paraíba. Doutor em Artes – ECA/USP.



- Z – Por quê?
 X – Acho que porque é o fim.
 Z – Por isso mesmo devia ser fácil, não acha?
 X – Por quê?
 Z – Porque é o fim.
 X – Mas não é.
 Z – Não é o fim?
 X – Não é fácil.
 Z – Isso é que é o fim.
 X – Se fosse diferente não seria assim.
 Z – Óbvio.
 X – O quê?
 Z – Se fosse diferente não seria assim.
 X – O que isso quer dizer?
 Z – Que é óbvio.
 X – Não estou entendendo.
 Z – Ou! Às vezes você fica meio pancada.
 X – Explica, então!
 Z – Nada.
 X – Nada, não. Se você falou, explica, diz o que é.
 Z – O óbvio.
 X – O que tem?
 Z – O óbvio é que é o fim, entendeu?
 X – Não. O fim como?
 Z – De tudo.
 X – Do caminho?
 Z – Principalmente.
 X – É o que dizem.
 Z – Por isso é o óbvio.
 X – Mas isso não quer dizer que seja fácil.
 Z – Como não?
 X – Às vezes as coisas são de uma obviedade de fazer inveja ao ululante, e nem por isso são tão claras.
 Z – Dê um exemplo?
 X – Não sei.
 Z – Está vendo? Se não são tão claras...
 X – Isso não quer dizer nada.
 Z – Como assim?
 X – Se não são tão claras, há uma obviedade aí.
 Z – Claro!
 X – Claro, não.
 Z – Claro, sim.
 X – É óbvio que se as coisas não são claras, são escuras. Mas aí é óbvio demais. Há uma forma diferente de ser óbvio sem ser tão claro que é óbvio.
 Z – Óbvio.
 X – Não.
- Z – Como não?
 X – Às vezes a obviedade não fica evidenciada num contraponto tão explícito.
 Z – Não se trata de ser explícito. Trata-se de ser evidente.
 X – O que já é explícito.
 Z – Claro.
 X – Não. Melhor é quando ao invés, é metafórico. Fica oculto o sentido daquilo que apa-renta ser claro.
 Z – Óbvio.
 X – Não.
 Z – Como não?
 X – Vou lançar um silogismo. Presta bem atenção: todos os homens são mortais. Plínio é um homem. Logo...
 Z – Que Plínio?
 X – E eu sei lá. Um Plínio qualquer. Sacou? Todos os homens são mortais...
 Z – Logo?...
 X – Logo...
 Z – Onde que está a metáfora aí?
 X – Não há metáfora, neste caso.
 Z – Então não valeu.
 X – Por que não?
 Z – Logo, Plínio é um homem...
 X – E se eu disser: logo, eu não sou um homem. Onde está a obviedade aí?
 Z – Na exceção de todas as regras.
 X – Isso é o que não valeu.
 Z – Não entendo a razão.
 X – Não há o que entender.
 Z – Como não?
 X – E se eu dissesse: todas as mulheres são mortais. Eu sou uma mulher. Logo...
 Z – Logo?...
 X – Eis o óbvio.
 Z – E se eu dissesse: a morte não é o fim, mas uma passagem. Logo...
 X – Logo?...
 Z – É óbvio...
 X – Não.
 Z – É um mistério profundo...
 X – Mas isso ainda não é o óbvio.
 Z – Claro que é.
 X – Se eu digo: é um mistério profundo... Onde que está localizado o mistério?... Antes ou depois da passagem?

- Z – Depois.
X – E por que não antes?
Z – Porque antes tudo é claro como o sol.
X – Eppur si muove.
Z – Como assim?
X – Estou lembrando os versos do Chico.
Z – Chico escreveu esses versos?
X – Não. Foi Galileu.
Z – Que Galileu? Eu conheço?
X – Não sei, pôxa. Deve conhecer.
Z – Faz o quê?
X – Fazia. Era astrônomo. Era tudo. Era qualquer coisa.
Z – E ele falou isso, é?
X – Conta a lenda.
Z – Falou ou não falou?
X – Não sei.
Z – Não foi você mesma quem disse?
X – Mas como eu vou saber?! Eu não estava lá.
Z – É fato ou é lenda?
X – É história.
Z – Então, é fato.
X – Pode ser lenda.
Z – Não faz nem sentido isso.
X – Por que não?
Z – Se é história...
X – Saiba que a história não é fato, é lenda. O que vale não é o que houve, até porque ninguém mais sabe o que verdadeiramente houve. Portanto... óbvio...
(Silêncio)
Z – E aí?
X – Saco!
Z – Você já disse isso.
X – Tudo já foi dito.
Z – Não há mais nada?
X – Nada.
Z – E nós?
X – O que tem?
Z – Vamos ficar nessa?
X – E o jeito?
Z – Não pode.
X – Eu também acho que não, mas foi você mesma quem disse que não há caminho.
Z – Disse.
X – Então?
Z – Caminho se acha ou caminho se faz?
X – Não sei. Acho que acha.
- Z – E por que não se faz?
X – Podemos tentar.
Z – Então, vamos.
X – Para onde?
Z – Tentar.
X – Aqui?
Z – Onde mais?
X – Sei lá.
Z – Pôxa, assim não dá.
X – O que não dá?
Z – Você não ajuda.
X – Ajudo, sim, claro que ajudo. Só me diga como.
Z – Se eu soubesse, não precisaria de ajuda, não é?
X – Pode ser.
Z – A gente pode tentar um novo caminho.
X – Qual?
Z – Um novo, um que a gente invente.
X – Mas a gente ainda nem chegou a lugar algum e você já quer um novo caminho?
Z – E precisa chegar?
X – Claro.
Z – Você sabe para onde vai?
X – Eu já te disse que não conheço nenhum.
Z – Nem o velho?
X – Nada.
Z – E aí?
X – Aí, nada.
Z – Vamos ficar aqui feito duas coisas, é?
X – O que você pensa fazer?
Z – Não sei. Eu queria alguma coisa, mas não sei o quê, não sei exatamente o quê, com-preende?
X – Claro. Mas você sabe aproximadamente?
Z – Aproximadamente?
X – É. Eu digo assim: você não sabe exatamente, mas sabe aproximadamente o que não é exatamente?
Z – Bem, aproximadamente, eu diria que é exatamente algo diferente.
X – Algo diferente?
Z – É.
X – Em relação a quê?
Z – Como em relação a quê?
X – Se você quer algo diferente, esse algo deve ser aproximadamente próximo ou pareci-do com algo que já é conhecido para que seja ao menos relativamente diferente.
Z – Parece confuso.
X – Mas não é.



- Z – Então é difícil.
 X – Isso é.
 Z – Não há algo que possa ser diferente. É isso o que você quer dizer, não é?
 X – Deve ser.
 Z – Então...
 (Silêncio)
 Z – O resto é silêncio... Lembra disso?
 X – Vagamente.
 Z – A última fala de Hamlet.
 X – Os clássicos!
 Z – Tudo foi dito.
 X – Pelos clássicos?
 Z – Por Hamlet. Por isso ele disse isso.
 X – Disse porque tudo foi dito ou por que morreria em seguida e mergulharia no silêncio, que é o resto?
 Z – Se é o silêncio, não é o resto. É talvez o que resta.
 X – Mas isso seria alguma coisa.
 Z – Mas o que resta depois, não é o silêncio?
 X – Para quem morre, talvez.
 Z – Que seja. Se é o silêncio, já é alguma coisa.
 X – Não é nada.
 Z – Como não? O nada não existe.
 X – Como não?
 Z – É uma questão de lógica.
 X – Então explica, já que você é toda lógica.
 Z – Alguma coisa é nada, certo?
 X – Certo.
 Z – Então, nada é alguma coisa.
 X – Isso é a mesma coisa do Plínio.
 Z – Que Plínio?
 X – Aquele que é mortal.
 Z – Mas todo mundo é.
 X – E depois?
 Z – Depois do quê?
 X – Todo mundo é mortal. E depois?
 Z – Depois, sei lá, é o resto.
 X – É o silêncio.
 (Silêncio)
 X – Tudo bem?
 Z – Tudo.
 X – Tem certeza?
 Z – Tenho, sim. Por quê?
 X – Por nada.
 Z – Não se pergunta alguma coisa para nada.
 X – Já ouvi dizer que quem pergunta tem a res-
 posta.
 Z – Faz sentido. Então, qual é?
 X – Se eu soubesse não perguntaria. Faz sentido?
 Z – Faz também.
 X – Isso é o que se poderia chamar de duplo sentido.
 Z – Mas não me convence.
 X – O quê?
 Z – Por que você perguntou se está tudo bem?
 X – Por perguntar, sei lá.
 Z – Ainda não me convence.
 X – Para ter o que conversar, te convence?
 Z – Mas já estamos conversando há horas.
 X – Não, estamos divagando.
 Z – Conversando.
 X – Divagando, perdidas.
 Z – Mais ou menos.
 X – Nem mais nem menos. Vamos encarar de frente o lance? Estamos sem saber como ou o que fazer para encontrar uma via de passagem.
 Z – Eu sei.
 X – E aí?
 Z – O que podemos fazer?
 X – Não aceito o nada como resposta. Alguma coisa precisamos fazer.
 Z – Gritar, serve?
 X – Agir. É isso o que serve.
 Z – Agir de que maneira?
 X – Não sei, pôxa, se eu soubesse, agiria.
 Z – Esse é que é o problema.
 X – Lembra do que ele nos falou?
 Z – Tanta coisa.
 X – Eu sei. Mas uma, específica, lembra?
 Z – Diga lá o que está pensando.
 X – O mais importante é a ação.
 Z – Verdade. Disse isso de “ene” maneiras.
 X – Lembra? Mesmo no meio daquelas correrias entontecidas. A gente nem sabia para quê, mas ele dizia, gritava, quase entrava em transe, para que a gente não parasse nunca, jamais, tínhamos que agir, agir, lembra?
 Z – Lembro, lembro, sim. Lembro agora que ele falou uma coisa: o propósito da vida é uma ação.
 X – Não foi ele, foi Aristóteles.
 Z – Sim, eu sei, não sou burra. Falou citando Aristóteles. O propósito da vida é uma ação. Bonito!

- X – Lindo.
Z – E daí?
X – Daí, o quê?
Z – O propósito da vida...
X – Ora, tem que realizar a ação, é só isso.
Z – Você fala como se tudo fosse muito simples, um passe de mágica.
X – Um “se” imaginário... Lembra disso?
Z – Lembro.
X – Então?
Z – Continuamos na mesma.
X – É verdade.
Z – Isso não pode continuar dessa maneira.
X – Também é verdade.
Z – Temos que fazer alguma coisa.
X – Uma ação.
Z – O propósito da vida.
X – Então, por que não realizamos logo?
Z – Não é fácil.
X – Eu tenho uma idéia.
Z – Qual?
X – Precisamos de um princípio.
Z – Sim, isso eu sei, mas qual?
X – Um princípio que seja, assim, impactante.
Z – Um tiro?
X – Não dá.
Z – Não entendo.
X – A não ser que seja um tiro sem morte.
Z – Que graça tem?
X – Só estamos nós duas, não há mais ninguém. Se uma de nós morre logo no começo, acabou a ação.
Z – Mas isso não é a vida.
X – É como se fosse.
Z – Tudo fica no plano do imaginário. Nada é real.
X – Se nada é real, então, o que somos?
Z – Sombras.
X – Pôxa!
Z – Eu quero dizer assim, sombras poéticas.
X – Bem, é melhor, mas não resolve o problema.
Z – Qual problema?
X – Tudo certo. Somos sombras. Poéticas, vá lá. E depois? O que fazer depois que sabe-mos que somos sombras?
Z – A noite se aproxima.
X – E com ela o nosso fim.
Z – Já tem um certo clima.
X – Qual?
Z – De algo misterioso.
X – Eu penso que não.
Z – Explica.
X – Não sei exatamente. A noite é a própria sombra. A grande e terrível sombra que vai envolvendo lentamente todas as coisas.
Z – E aí?
X – E aí, num grande abraço, frio e profundo, todas as coisas vão se apagando, engolidas por uma boca imensurável e faminta, mergulhando na escuridão inevitável de todos os dias.
Z – Para sempre.
X – De todos os dias, eu disse.
Z – Para sempre, eu digo.
X – Por que motivo?
Z – Quando você falava, eu senti algo assim muito forte, me arrepiei, imaginei que essa noite não poderia apenas durar um dia, senão para sempre.
X – Para sempre fica trágico, não?
Z – Um dia não aparenta banal?
X – Pensando melhor, sim.
Z – Para sempre tem a vantagem de tornar irremediável o destino.
X – Isso não é bom.
Z – Por quê?
X – Torna inútil a ação. Todo esforço se consome em nada.
Z – Pelo contrário... Tudo bem, concordo, mas não é isso o fundamental.
X – Então, diz o que é.
Z – O fundamental mesmo é viver o destino, cumprir a ação, entendeu?
X – Sim, entendi, mas se não há perspectiva, se o fim será para sempre o fim, então, por que agir? É isso o que eu me pergunto sempre. Por que agir?
Z – Porque o propósito de tudo é ação.
X – Mas ação que não conduz a coisa alguma, será mesmo ação?
Z – Uma ação nuclear, lembra?
X – Lembro, mas lembro que é algo interno, preso a si mesmo... Como foi que ele disse uma vez?... Entropia, no sentido de apodrecimento das relações... Apodrecimento de tu-do.
Z – Nossa!
X – De tudo.
Z – Assim, nada sobrar.



- X – Essa é a angústia.
 Z – Mas a gente sempre pode transformar.
 X – Dá um tempo.
 Z – Vê só: o fim de alguma coisa é o começo de outra. O princípio de transformação já está implícito.
 X – Mas não está resolvido.
 Z – Sim, eu sei que não. Mas sei que só em saber que o fim de alguma coisa é o princípio de outra, já é alguma coisa, entendeu? A gente pode, a partir daí, construir elementos que conduzam a ação para um outro plano, como a gente sempre quis. Não é verdade?
 X – Nossa! É verdade! Então, vamos começar?
 Z – Vamos
 X - Por onde?
 Z – É simples.
 X – OK.
 Z – Presta atenção: eu estou no ponto “xis” da ação.
 X – Certo.
 Z – Tudo dentro de mim está confuso, é como se houvesse uma revolta dos elementos, céus e terra se engalfinhando como se fossem dois lutadores, dois gigantes, duas cobras se enroscando, uma luta titânica, algo transcendental, terrível, nunca visto, nunca imaginado e eu ali, sentindo essas coisas todas acontecendo dentro de mim, vindo à tona, como um vulcão, um fogo queimando dentro, derretendo pedras, querendo explodir como uma pa-nela sob intensa pressão, e aí...
 X – E aí?...
 Z – Não sei... Preciso de um contraponto... Um semblante calmo, talvez... Não, não isso, não calmo, mas tenso... Também não. Ficaria óbvio... Um semblante em que as tensões internas ainda não reveladas, ou ainda não totalmente reveladas, apontem o estado em que eu estou interiormente, mas, exteriormente, tudo venha sob o controle real da energia que pulsa... Pum... Pum... Pum...
 X – Pum...
 Z – E agora?
 X – Fantástico.
 Z – O que faço?
 X – Conduzir, não é?
 Z – E se eu não puder? E se eu não souber?
- X – Mas você pode, você provou que pode.
 Z – A quem?
 X – A você... A mim...
 Z – Quando eu provei isto?
 X – Agora mesmo.
 Z – Jura?
 X – Claro. Fiquei emocionada.
 Z – Foi mesmo?
 X – Foi.
 Z – E por que eu não senti nada?
 X – Nada?
 Z – Nada.
 X – Vai ver que não é para sentir.
 Z – Como não?
 X – Sim, porque, pensa: se você sente... Se você não se distancia... Se fica mergulhada nesse turbilhão que você falou aí, o que vai acontecer?
 Z – O quê?
 X – Você é levada. Você é arrastada, conduzida e não condutora.
 Z – É verdade. Mesmo assim, fico angustiada. Não sinto nada, e isso é como se fosse coisa alguma.
 X – Mas o nada é alguma coisa, lembra?
 Z – Lembro. Acho lindo. Filosófico, poético, tudo, quando está longe da gente.
 X - Pôxa, acho que a gente não está percebendo algo essencial.
 Z – Você entende o que eu quero dizer?
 X – A gente está perdendo algo essencial, entendeu?
 Z – Entendi. Entendeu o que eu quis dizer?
 X – Entendi, cara. Você sempre acha que eu não entendo.
 Z – Eu sei que você entende. Só não sei se você entendeu o lance do poético, do filosófico, do tudo quando está longe da gente.
 X – Entendi. Acho demais. Algo essencial. Entendeu?
 Z – Entendi.
 X – Então?
 Z – Como fazer, a partir de agora?
 X – A partir de agora? Bom, eu penso assim: é preciso organizar cada momento. Saber exatamente o que vai acontecer a cada instante. Ter o controle absoluto de cada coisa. Nunca, jamais, perder a consciência de cada passo do

caminho. Ter clareza de tudo o que se relaciona entre si, e de tudo isoladamente também, sim, porque, se você reparar bem, você só poderá ter clareza de conjunto se você tiver de partes isoladas, porque cada parte é um conjunto independente, é como se ele tivesse vida própria, uma vontade própria, como se ele fosse o seu próprio universo, regido por leis que são suas, que lhe pertencem, que foram criadas para si ou ele as criou, regente de si, soberano de sua existência, como se ele sozinho se lhe bastasse, como se não houvesse um conjunto e ele não fosse uma parte, às vezes ínfima, invisível até, mas a mera parte de um todo que é muito maior, infinitamente maior, incomensuravelmente maior, tanto que, por mais que pareça lógico, ele cria, na relação entre as partes e o conjunto, uma distância tamanha que nem mesmo a matemática é capaz de entender o motivo de que a lógica, muitas vezes, escapa a regra de conjunto e por isso não explica a relação do todo com as partes... Algo assim... Claro...

Z – Claro.

X – Claríssimo.

Z – Nem sei por que não pensei nisso antes.

X – Mas as coisas são assim. Umas após outras.

Z – Tudo se somando.

X – Exatamente.

Z – Cada coisa no seu instante.

X – Cada instante no seu tempo.

Z – Cada tempo com a sua própria memória.

X – E o ritmo? Não esqueça. Importante, o ritmo.

Z – Verdade. Eu já estava esquecendo.

X – O ritmo. Tum... Tum... Tum...

Z – Maravilhoso.

X – Tudo pode ser feito no tempo e no ritmo.

Z – Como uma dança.

X – Como uma música.

Z – Como qualquer coisa.

X – Exatamente! Como qualquer coisa!

Z – Então, falta alguma coisa.

X – Falta, sim.

Z – Quem sabe, o ritmo?

X – Quem sabe?

Z – A gente pode tentar colocar isso para ver o que vai dar.

X – Certamente dará algo muito legal.

Z – Claro.

X – Aquele lance da pulsação?

Z – Pois é. No ritmo.

X – Tum... Tum... Tum.

Z – Tum...

X – Tum... Tum...

X – Tum... Tum... Tum...

Z – Tum...

X – Tum... Tum...

Z – E assim vai.

X – E assim caminha a humanidade.

Z – No compasso do passo.

X – No ritmo das horas.

Z – No tempo de espera.

X – A dança da morte.

(silêncio)

X – O que foi?

Z – Outra vez esse lance.

X – Qual?

Z – Esse de morte.

X – Você tem medo?

Z – Não, não é que eu tenha medo.

X – Então?

Z – Não vejo sentido.

X – No medo?

Z – Na morte.

X – Teria que ter?

Z – A morte?

X – O sentido.

Z – Sem sentido, nada faz sentido, não é?

X – Talvez as coisas não tenham sentido real.

Z – Como assim?

X – Sentido, racionalidade, razão de ser ou para ser.

Z – Se as coisas não tiverem sentido, terão o quê?

X – Depende do sentido, eu penso.

Z – Então há uma espécie de sentido em haver sentido.

X – A gente está falando em sentido, quando o melhor seria falar em sentidos.

Z – No plural?

X – Ou no dual.

Z – Ah, bom.

X – Trigonométrico ou antitrigonométrico.

Z – Qual o correto?

X – Não sei se há correto. Pode haver o melhor.

Z – Qual o melhor, então?

X – O antitrigonométrico.

Z – Não entendo a razão.



- X – Porque é o certo.
 Z – Continuo sem entender.
 X – É o horário.
 Z – Qualquer pessoa que tenha o mínimo bom senso vai entender que o antitrigonométrico só é anti porque há o trigonométrico. Portanto, o correto é o trigonométrico. Uma questão de cabeça, de raciocínio.
 X – Amiga, eu sinto dizer, mas você está redondamente enganada.
 Z – Não estou não.
 X – Está, sim.
 Z – Então, prova.
 X – Não há nem o que provar. É simples.
 Z – Prova.
 X – O trigonométrico é o sentido anti-horário, enquanto o antitrigonométrico é a via negativa, o sentido inverso.
 Z – O que você está dizendo é absurdo.
 X – Claro que não. Inspirado na mais pura lógica.
 Z – Perceba o que você está dizendo: O trigo é anti enquanto o anti é o trigo.
 X – Que lance é esse de anti e de trigo, agora?
 Z – Eu estou reduzindo, entendeu? Pra ganhar tempo, pra não ter que dizer a palavra inteira. Tempo, ritmo, lembra?
 X – Ah, sei. É aquela história entre a forma desoxirribonucleico ou a desoxirribonucléico.
 Z – Não entendi.
 X – Uma tem acento no “e” e a outra não tem.
 Z – Qual a diferença?
 X – A diferença é que a que tem acento no “e” é a mais correta, enquanto a que não tem acento é a mais usada no Brasil e em Portugal.
 Z – É o que isso tem a ver?
 X – Não sei. Foi uma lembrança.
 Z – Eu somente abreviei. Não acentuei.
 X – É, eu sei. É que esse lance de abreviar ou de acentuar é sempre muito perturbador, porque na hora “h” a gente nunca sabe o que fazer com ele.
 Z – É como GDF.
 X – IRPF, CPF, CDF, EEUA, TV, DVD, VCD, DST...
 Z – PQP...
 X – O cacete a quatro...
 Z – CAQ...
 X – O que é isso?
 Z – Cacete a quatro.
 X – Tudo isso perturba muito.
 Z – É a anticomunicação.
 X – O contrário da lógica.
 Z – Isso mesmo. Por isso o antidesoxirribonucleico não pode ser a via positiva, quando você mesma disse que o desoxirribonucléico é a via negativa.
 X – O problema é que você é uma criatura que não está preparada... Eu diria melhor... Não está adequada ao pensamento científico tal como o concebe a tradição empírico-positivista.
 Z – E isso é grave?
 X – Eu diria que bastante.
 Z – Seria uma espécie de doença?
 X – Não sei se doença, mas um certo mal do século.
 X – Você acredita em carma?
 Z – Carma?
 X – É. A lei do retorno.
 Z – Não sei. Acho que tenho preguiça de pensar nesses princípios místicos.
 X – Não é místico. É físico. Ação e reação.
 Z – É tudo?
 X – Claro. Vou te dar uma porrada.
 Z – Ai!
 X – Viu só? Ação: bati. Reação: você sentiu.
 Z – Interessante. Vou te dar uma porrada.
 X – Ui!
 Z – Funciona mesmo.
 X – Às vezes dói.
 Z – Machuca um pouco.
 X – Depende da força ou do jeito.
 Z – É um princípio físico, então?
 X – É.
 Z – Eu sempre pensei que fosse místico.
 X – Também pode ser. De acordo com o ponto de vista.
 Z – É o que isso tem a ver?
 X – Com o quê?
 Z – Com o lance do século?
 X – A doença do século?
 Z – Sim.
 X – É que não é a primeira vez que isso acontece.
 Z – Do século adoecer?
 X – Exatamente.
 Z – Já foi diagnosticado o mal?
 X – Não sei. Não vi nada sobre isso no jornal da TV.

- Z – Nem no documentário da BBC?
X – Nada.
Z – É triste.
X – Mas eu tenho uma teoria.
Z – Oba! Uma teoria já é alguma coisa.
X – Tenho uma teoria muito séria.
Z – Pode-se conhecer a teoria ou somente quando estiver a banca reunida para a avaliação?
X – Não, não é nenhuma teoria acadêmica, não é para ser defendida em uma universidade. É uma coisa de emergência, de urgência urgentíssima, o mundo todo precisa saber, não posso ficar presa entre as paredes da universidade.
Z – Você pode divulgar por listas de discussões na Internet, ou mesmo, se preferir, criar um site.
X – Também não é isso.
Z – E o que é, então?
X – Preciso falar para todos os povos no congresso da ONU.
Z – Pô! É um caso para se refletir.
X – Claro, eu já te disse.
Z – Só não disse qual é a tese.
X – É simples, embora profunda.
Z – É verdade, as coisas profundas costumam ser simples.
X – O século está doente. Certo?
Z – Você está dizendo. Eu não acredito.
X – Mas está doente, acredite em mim, por favor.
Z – Está bem. Não vamos discutir agora.
X – O século está doente.
Z – Certo.
X – Essa é a tese.
Z – E a antítese?
X – Nesse caso não há antítese. Há constatação. Eu digo e afirmo que não é a primeira vez que isso acontece.
Z – Já houve antes?
X – Sim.
Z – Há quanto tempo?
X – Por diversas vezes há muitos séculos.
Z – Tudo bem. E daí?
X – E daí, quem é que pode provocar o mal no século?
Z – Quem?
X – Pensa.
Z – Não faço idéia.
X – A humanidade.
- Z – A humanidade?
X – Isto mesmo. O século está doente de humanidade.
Z – Não seria de Deus?
X – Não. Deus é o bem.
Z – É o que dizem.
X – E o bem não pode ser responsável pelo mal.
Z – Então, quem é responsável pelo mal?
X – A humanidade.
Z – Nesse caso, a humanidade é o Deus do mal.
X – Claro que não. Deus é Deus e humanidade é humanidade. São coisas diferentes.
Z – E Deus é coisa?
X – É.
Z – Eu pensava que fosse essência.
X – É.
Z – O quê?
X – Essência.
Z – E aquele lance de energia?
X – O que é que tem?
Z – Não poderia ser algo assim, uma espécie de Deus?
X – Deus não é espécie.
Z – Mas você ainda pouco disse que seria coisa.
X – E o que tem uma coisa com outra?
Z – Simples, elementar, minha cara. Se é coisa há de ser ou pertencer ao gênero dos elementos.
X – O gênero já é alguma coisa.
Z – Verdade?
X – Verdade verdadeira.
Z – Tudo bem. Agora, falta definir o que é essencial.
X – A respeito do quê?
Z – Como a respeito do quê?
X – Você acha absurdo perguntar isso?
Z – Acho.
X – Eu não.
Z – Você nunca acha nada.
X – Eu acho que acho.
Z – Então, ache.
X – Você é muito voluntariosa, sabia?
Z – Não. Você acha?
X – Acho. Uma espécie alopátrica.
Z – Que é isso? Remédio?
X – Falta de remédio. Uma espécie que não pode ocupar o mesmo espaço que outras.
Z – Se a senhora fosse mais sabida, saberia que ninguém ocupa o mesmo espaço que outro.



- É uma lei da física.
- X – Ou da química dos corpos que se atraem ou se repulsam.
- Z – Ai!
- X – Impaciente?
- Z – Saco!
- (Silêncio)
- X – E aí?
- Z – O quê?
- X – Nada rola.
- Z – A gente está parecendo nem sei o quê!
- X – E se tivesse uma árvore aqui?
- Z – Onde?
- X – Aqui, nesse ponto.
- Z – Você pensa que é necessário?
- X – Necessário, não. Mas seria interessante.
- Z – Não vejo a razão.
- X – Já é alguma coisa.
- Z – Enfeite.
- X – Sei lá, pode ser. Ao menos preenche o espaço.
- Z – Qual o problema?
- X – Não fica esse vazio, não é?
- Z – O problema está no vazio?
- X – No espaço aberto.
- Z – Sei lá.
- X – Já significa alguma coisa.
- Z – O espaço aberto?
- X – A árvore.
- Z – E o espaço aberto?
- X – Não é nada.
- Z – Já é alguma coisa.
- X – Não é nada.
- Z – O nada já é alguma coisa.
- X – Mas não tem valor semântico.
- Z – Não foi o que ele disse.
- X – Tanta coisa.
- Z – O nada no espaço tem valor de signo. Se tem valor de signo, tem significação, é linguagem.
- X – Falta de linguagem.
- Z – A falta, no caso, não é uma ausência, é uma substituição, entendeu?
- X – Não.
- Z – Você tem um signo, certo?
- X – Certo.
- Z – A falta do signo no contexto do espaço representacional não é necessariamente ausência de valor sintagmático.
- X – Tô entendendo.
- Z – Isto não significa que não tenha significado semântico.
- X – Saquei!
- Z – Sacou? Não é isso?
- X – Claro. E isso acontece pela própria translação sofrida no tempo e no espaço pelo significado do nada.
- Z – Que não significa nada.
- X – Não!
- Z – Não?
- X – Não. Significa alguma coisa.
- Z – Que coisa?
- X – Não sei, pô. Alguma coisa.
- Z – Alguma coisa é alguma coisa, pombas. E nada é nada.
- X – Mas, pelo amor de Deus, entenda, pela enésima quinquagésima vez que tudo é resultado da combinação de um determinante e de um determinado numa unidade lingüística hierarquicamente mais alta que pode ser uma oração em que o predicado é determinante do sujeito.
- Z – Ordem e subordinação dos diversos coros de anjos.
- X – O que é isso?
- Z – Não, é que você falou em hierarquia, aí eu me lembrei que se tivesse uma árvore, poderia ter um coro de anjos. Seria como se fosse assim, a voz da natureza, entendeu? A voz celeste, o coro de anjos, a hierarquia das coisas criadas.
- X – Mas não é desse tipo de hierarquia que eu estou falando.
- Z – Não?
- X – Não, isso de hierarquia dos anjos, sei lá, isso é cosmogonia católica, apostólica, romana.
- Z – E você não é...
- X – Não sou!
- Z – Eu pensei que fosse.
- X – Pensou errado.
- Z – Mas você mesma disse.
- X – Não disse.
- Z – Disse.
- X – Dizia.
- Z – Quando?
- X – Antes.
- Z – Antes eu também dizia.
- X – Antes eu não pensava assim.
- Z – Claro, você até dizia que todo penso é torto.
- X – Tem uma certa lógica.

- Z – Antes?
X – Depois, mas antes também.
Z – Antes eu dizia, mas não tinha convicção.
X – Eu também. Aliás, eu nem entendia a duplicidade – ou a multiplicidade – da coisa.
Z – Nem eu.
X – Eu dizia, meio por graça até, o penso é torto. Só que eu não me tocava que o que era torto não era o pensar, era o penso.
Z – Eu nunca me lixei nisso, não.
X – Eu sempre fui assim, cartesiana, aí não pensava que o penso vem do latim pendere.
Z – Você mudou muito.
X – Mudei.
Z – Eu percebo. Eu mudei?
X – Mudou.
Z – Incrível, não é?
X – Incrível.
Z – E a gente nem percebe.
X – Pois é.
Z – Quando menos espera, pum, já era.
X – Já é.
Z – Já foi.
X – Um carrossel de cavalinhos.
Z – Tudo girando?
X – O tempo todo, todo o tempo.
Z – O tempo não pára, não é assim que diz aquela canção?
X – Cazuza.
Z – A piscina cheia de ratos?
X – As idéias que não correspondem aos fatos.
Z – Não pára.
X – Não pára mesmo.
Z – É um passar contínuo.
X – Um moto próprio.
Z – Um passar para onde?
X – Só não diga que é pra lugar nenhum.
Z – Eu sei. O nada não existe, não é?
X – Não.
Z – Quem foi que disse isso?
X – Não sei.
Z – Não estaria em alguma lei sagrada?
X – No I Ching.
Z – No I Ching?
X – Talvez.
Z – Eu pensava no Talmude.
X – Por qual motivo?
Z – Não sei. Acho que é porque é doutrina da lei mosaica.
X – O que tem uma coisa com outra?
Z – É judeu.
X – E daí?
Z – Daí que os judeus venceram.
X – Venceram quem? Aos palestinos?
Z – Venceram no concerto das civilizações, entende?
X – Entendo. Só não sei o que você quer dizer.
Z – Olha só: Einstein. Qual a origem?
X – Judaica.
Z – Freud. Qual a origem?
X – Judaica.
Z – Marx. Qual a origem?
X – Marx perdeu.
Z – Perdeu o quê?
X – A luta contra o capital. A cortina de ferro se derreteu.
Z – Tudo o que é sólido, lembra?
X – A frase do Manifesto Comunista?
Z – Isto mesmo.
X – Se desmancha no ar.
Z – A frase de Marx já previa a derrocada até mesmo do marxismo. Portanto, se alguém é capaz de perceber até o fim daquilo que parecia impossível, esse alguém, mesmo que aparentemente derrotado no campo das idéias e no campo do pragmatismo político, venceu, amiga.
X – Tudo bem. E daí?
Z – E daí que, no contexto da civilização, venceram os judeus.
X – Esse papo de novo?
Z – Provo. Cristo. Qual a origem?
X – Saco!
Z – Qual a origem?
X – O que isso prova?
Z – Nada. Mas demonstra. Quando até a religião que meio mundo de gente professa é de origem judaica, o que você espera?
X – Eu não espero nada.
Z – Pois devia.
X – Não entendo.
Z – Devia.
X – Por que motivo?
Z – Pelo motivo que você está mais imbuída de princípios religiosos, filosóficos e cultu-raís do judaísmo que nem se dá conta de que você,



quer queira ou não, é judia, até quando pensa a coisa mais simples e mais contrária. Se você pensar: sou católica, apostólica e romana. Por trás do axioma está escrito, mesmo que você não queira ou negue e renegue: sou judia. E eu digo: profetas uma religião de judeus enlouquecidos, porque, minha irmã, vou te contar uma verdade, debaixo daquele sol escaldante, neguinho fica pirado mesmo, começa a ter visões, do tipo paraíso ou inferno, dependendo da fome que aperta o pé da barriga do bruto, de maneira que o sol deve ter derretido um pouco o juízo do Genésio, que, louco de jogar pedra na lua, saiu por aqui e por acolá a perguntar onde era o caminho. É por ali? Enquanto os palestinos diziam: Não, é por Alá, por Alá... E tudo isto sem considerar a culpa, o pecado original, o caralho a quatro e o escambau.

X – O que é isso, agora?

Z – Cena. Por onde é o caminho? É por ali ou por Alá?

X – Nem por ali nem por Alá.

Z – Então, caminho não há.

X – Claro que há.

Z – Por onde? Pode me dizer por onde?

X – Não sei, pôxa, já disse mil vezes, não sei!

Z – E o que a gente vai fazer agora?

X – Nada.

Z – Nada já é alguma coisa.

X – Nada é nada.

Z – Nada já é alguma coisa, você mesma disse.

X – Disse. Mas não é mais!

Z – Qual o motivo?

X – Não há motivo. Nada é nada.

Z – Nada não pode ser nada!

X – Mas é. Acredite em mim. É.

Z – Por que antes não era?

X – Porque antes era diferente.

Z – Em que sentido?

X – No sentido de que a gente estava procurando o caminho.

Z – E agora? Não estamos mais?

X – Estamos.

Z – Então?

X – Demos um tempo.

Z – Como assim?

X – Um tempo. Descansar. Só isso.

Z – E você se perguntou se dá tempo?

X – De quê?

Z – De dar tempo ao tempo.

X – Tem que dar.

Z – Você é muito engraçada. Acha que o mundo está à sua disposição. Isso não existe. O tempo não pára, lembra? Não pára.

X – E daí?

Z – E daí que não é por você que o tempo vai parar, esperar tranquilamente, talvez até se balançando numa rede, lembrando com saudade do tempo em que se balançava no pêndulo de um relógio de parede, assim, de um lado pro outro, a vidinha passando calmamente lá na rua, o dia preguiçoso se arrastando placidamente na poeira, e a brisa que sopra mansamente, pacificamente, serenamente... Não é assim. Você sabe que não é assim. Temos que encontrar o caminho imediatamente. O tempo urge. O tempo não espera. Não adianta dizer que o nada agora é nada, porque, você sabe muito bem, ele falou isso não sei quantas vezes, nada é o nada.

X – Eu sei, eu sei, ora que inferno!

Z – O que é o inferno?

X – Você!

Z – Simples assim?

X – Simples assim.

Z – É fácil dizer que o inferno são os outros.

X – Eu não disse que o inferno são os outros.

Z – Não, é verdade, disse que sou eu.

X – Você, não os outros.

Z – Mas não há outros aqui.

X – Se houvesse...

Z – Ainda assim seria eu, não é?

X – É.

Z – E você?

X – O que tem?

Z – Não é o inferno?

X – Eu sou eu.

Z – Pretensiosa.

X – Não sou o seu inferno.

Z – Tu o dizes.

X – Não digo... Quer dizer, digo: não sou.

Z – Essa é a tua verdade?

X – É.

Z – O que é a verdade?

X – É o que eu digo.

- Z – Não, é um ponto de vista. O teu ponto de vista, no caso.
X – O teu também.
Z – O meu?
X – Claro.
Z – O que menos conta aqui é o meu ponto de vista.
X – Mentira. Todo o tempo tudo girou a partir do seu ponto de vista.
Z – Claro que não.
X – Claro que sim.
Z – Pois prove.
X – Provo.
Z – Prove.
(silêncio)
X – Saco!
Z – Estou esperando.
X – O quê?
Z – Que você prove.
X – Vamos parar?
Z – Eu parei. Você parou?
X – Parei.
Z – OK.
(silêncio)
X – Que horas são?
Z – Não sei.
X – Precisamos saber que horas são. Você não trouxe o relógio?
Z – Não. Trouxe?
X – Não.
Z – Bem, então inventemos um tempo.
X – Para quê?
Z – Para a gente saber a hora.
X – Mas não é a hora que me interessa.
Z – E essa agora? Então, por que perguntou a hora?
X – Não é que eu queira mesmo saber que horas são.
Z – O que é, então?
X – É que eu quero saber qual é a luminosidade.
Z – Que interesse há nisso?
X – Total.
Z – Fala.
X – Simples.
Z – Estou esperando.
X – A hora determina o momento do dia, certo?
Z – Certo.
X – Sabendo qual a hora, saberemos qual a cor e a intensidade da luz.
Z – Manda ver. Diz mais.
X – Para saber a intensidade ou a cor precisamos saber em que época do ano estamos.
Z – Eu não trouxe calendário. Você trouxe?
X – Não.
Z – Então?
X – O quê?
Z – Como fazer se não temos calendário?
X – Faz um esforço.
Z – Não consigo. Estou fazendo. Aliás, há tempos estou fazendo, mas não consigo.
X – Nem eu.
Z – Então?
X – A gente inventa.
Z – Isso. A gente inventa.
X – É simples.
Z – Diz.
X – Suponha que hoje seja o dia 23 de outubro do ano de 2004.
Z – OK.
X – Estamos, portanto, em outubro. Qual a estação?
Z – A última?
X – A primavera.
Z – Flores!
X – Isso mesmo. Mas não é esse o caso.
Z – Qual?
X – Flor é adereço. Eu falo de atmosfera.
Z – Mas adereço gera atmosfera.
X – Sim, eu sei, mas não quero pensar nisso agora.
Z – E vai pensar quando?
X – Amanhã, talvez.
Z – Vai pensar nisso hoje!
X – Amanhã!
Z – Agora!
X – Amanhã, já disse.
Z – Amanhã não existe.
X – Como não?
Z – Porque não.
X – Pirou, foi?
Z – Não. Por isso eu digo e provo que amanhã não existe.
X – Amanhã será o nada?
Z – O nada não existe.
X – Tudo bem, e daí?
Z – Daí que amanhã não existe.
X – Você já disse isso.



Z – Amanhã nunca chega.
 X – Claro que chega.
 Z – Nunca.
 X – Sim!
 Z – Quando?
 X – Amanhã.
 Z – Não.
 X – Sim.
 Z – Prove.
 X – Saco! Tudo com você é prove, prove. Bolas!
 Z – Simples. Prove.
 X – Prove você.
 Z – Provo.
 X – Prove.
 Z – Qual é a tese?
 X – Que tese?
 Z – Amanhã não existe.
 X – Certo.
 Z – Amanhã, quando chegar, será hoje.
 X – Será amanhã.
 Z – Hoje.
 X – Hoje é hoje. Amanhã será amanhã.
 Z – Amanhã será hoje.
 X – Será amanhã.
 Z – O que é o hoje?
 X – Hoje.
 Z – É o amanhã de ontem.
 X – Ontem não teve amanhã.
 Z – Teve. Antes de ontem.
 X – Antes de ontem é o passado de ontem.
 Z – Destino do hoje.
 X – Hoje é hoje.
 Z – Mas o amanhã de hoje será o ontem.
 X – Pensa, criatura: se o ontem de hoje foi o amanhã, então amanhã existe, e é hoje.
 Z – Que dia é hoje?
 X – Não sei.
 Z – O que você inventou de inventar?
 X – Vinte e três de outubro.
 Z – Que dia será amanhã?
 X – Vinte e quatro.
 Z – Então?
 X – Então, o quê?
 Z – Vinte e três não é igual a vinte e quatro, certo?
 X – Certo.
 Z – De maneira que...
 X – De maneira que, se são dias diferentes, não são o mesmo dia. Portanto, fica claro e provado,

com os seus próprios argumentos, que, se um dia é um dia e outro dia é outro dia, então, são dias diferentes, hoje e amanhã.
 Z – Mas quando for amanhã...
 X – Chove...
 Z – Onde?
 X – Amanhã.
 Z – Não pode.
 X – Por quê?
 Z – Amanhã é tempo, não é lugar.
 X – E daí?
 Z – Daí que não pode chover no tempo.
 X – Como não? O tempo pode estar chuvoso.
 Z – Você está falando de condições meteorológicas.
 X – Estou falando de atmosfera.
 Z – Então? De tempo.
 X – Não. De Lugar.
 Z – Não é a mesma coisa.
 X – Claro. Basta que você pense na unidade.
 Z – De tempo?
 X – De lugar.
 Z – E aí?
 X – Aí, chove.
 Z – Você já disse.
 X – Faz tanto frio.
 Z – Isso já é uma atmosfera.
 X – Eu não falo de meteorologia.
 Z – Nem eu. Falo de ação.
 X – O que você quer dizer?
 Z – Já há uma atmosfera de ação.
 X – Pode ser. Mas não há ação.
 Z – Não. Não há.
 X – Então?!
 Z – Então, o quê?
 X – Eis o caminho!
 Z – O caminho?
 X – A passagem!
 Z – Você acha?
 X – Claro! Ação! Lembra do que ele falou?
 Z – Tanta coisa!
 X – Falou da ação.
 Z – Não foi ele, foi Aristóteles.
 X – Que seja.
 Z – Não é a mesma coisa.
 X – Por que não?
 Z – Aristóteles se referia à fábula.
 X – E daí?

Z – E daí que ele não falava em fábula.
X – Eu sei, mas não poderia ser a mesma coisa?
Z – No fundo, não na forma.
X – No conteúdo!
Z – Mas não no continente.
X – Tantos mares a nos separar.
Z - Função não negativa e aditiva de um clã sobre os reais.
X – O que é isso?
Z – O conteúdo
X – Função não negativa e aditiva?
Z – Sim.
X – Ação?
Z – Ação.
X – É isso!
Z – É isso.
X – Finalmente.
Z – O fundo do poço.
X – O fim do caminho.
Z – Função não negativa: um osso!
X – No bolso.
Z – Claro. Por que não?
X – Por que não?
Z – Porque sim!
X – Sim. Não é por Alá, é por ali.
Z – Pôxa, tanto tempo, claro. Por ali.
X – Aqui.
Z – Aqui ou ali?
X – Aqui, agora.
Z – Então, é hoje?
X – Claro! Não se pode deixar para amanhã.
Z – Amanhã não existe.
X – Existe.
Z – Quando?
X – Amanhã.
Z – Mas só se for por ali.
X – Não, é por aqui.
Z – Por aqui é hoje, agora.
X – No tempo?
Z – Não, no espaço. Eu já vejo tudo: uma cortina se abrindo...
X – Para o tempo?
Z – Para o espaço.
X – Que mais?
Z – Luzes que emergem da mais funda escuridão.
X – Como se fosse um rio que nascesse entre as pedras?
Z – Isso! O rio que nunca é o mesmo.

X – A terceira margem!
Z – O terceiro toque!
X – A bruma que envolve o tempo e a espera.
Z – O som, tan, tan tan tan, tan tan, marcando o momento delicado da passagem.
X – Uma luz fria...
Z – O abandono.
X – O nascimento?
Z – A morte.
X – Não, a morte não.
Z – Por quê?
X – É o fim.
Z – Não, é a transformação.
X – Em nada.
Z – O nada não existe.
X – Existe.
Z – Você sabe que ele disse que não.
X – Não?
Z – Não.
X – Se é assim, o que estamos fazendo aqui?
Z – Agora?
X – É.
Z – Nada.
X – O que somos?
Z – Eu e você?
X – É.
Z – Nada!?
X – Onde estamos?
Z – Não sei.
X – O que fazemos?
Z – Esperamos!?
X – Procuramos.
Z – Por ele?
X – Pelo caminho.
Z – Não há nada aqui.
X – Nem uma lata?
Z – Nem uma lata.
X – Tem certeza?
Z – Absoluta.
(Silêncio).

FIM

